

Jean-Jacques Rousseau  
Discurso sobre as Ciências  
e as Artes

SEGUIDO DE

Cartas sobre a Polémica





# O surgimento de Rousseau como polemista eloquente e indiscutível mestre dos paradoxos

Notas introdutórias ao  
*Discurso sobre as ciências e as artes*

ROBERTO ARAMAYO<sup>(1)</sup>

«Os antigos políticos falavam incessantemente de costumes e de virtude; os nossos não falam senão de comércio e de dinheiro. [...] Em seu entender, um homem vale para o Estado aquilo que consome nele.»

(Rousseau, *Discurso sobre as ciências e as artes*)

---

<sup>(1)</sup> Roberto Aramayo é historiador das ideias morais e políticas, professor e investigador no Instituto de Filosofia do Consejo Superior de Investigaciones Científicas. O seu interesse científico incide em algumas figuras centrais do Iluminismo europeu como Rousseau, Diderot, Kant, Leibniz ou Voltaire. Da sua extensa obra, destacam-se os títulos *Crítica de*

No outono de 1749, a Academia de Dijon organizou um concurso questionando «se o restabelecimento das letras e das artes contribuiu para a depuração dos costumes». O prémio consistia numa medalha de ouro no valor de trinta pistolas e a leitura do trabalho galardoado não podia ultrapassar os trinta minutos, pelo que a sua extensão devia limitar-se a uma trintena de páginas. Os textos deviam ser apresentados anonimamente com uma divisa que serviria de imediato de chave para revelar a sua autoria. Este concurso mudou a vida de Jean-Jacques Rousseau e, por isso, também teve impacto na história do pensamento político moderno.

Note-se que Rousseau se considerou músico até aos quarenta anos, uma vez que ganhava a vida copiando partituras musicais, inventou um sistema de notação musical que pretendia simplificar as partituras através de números, colaborava com a *Enciclopédia* escrevendo sobre música e não parava de compor. Mas, de um dia para o outro, tornou-se num escritor tão célebre quanto polémico graças ao seu *Discurso sobre as ciências e as artes*, no qual defende uma tese que não parece compadecer-se do espírito da sua época. O Século das Luzes chega a ser sinónimo de progresso favorecido pelos avanços científicos e culturais. E nesse contexto, Rousseau permite-se afirmar que as artes e as ciências, longe de melhorarem os nossos costumes, levaram ao desaparecimento da virtude. No entanto, como assinalou Marcel Bouchard, censurar os vícios que proliferavam em Paris e defender as virtudes dos antigos não era uma tese que desgostasse certos académicos de província. Muito pelo contrário.

---

*la razón ucrónica. Estudios en torno a las aporías morales de Kant, La Quimera del Rey Filósofo (Los dilemas del poder, o el peligroso idilio entre lo moral y la política), Immanuel Kant. La utopía moral como emancipación del azar, e os mais recentes: Voltaire: La ironía contra el fanatismo; Rousseau: y la política hizo al hombre (tal como es), e Schopenhauer: la lucidez del pesimismo; Kant: entre la moral y la política.*

O *Discurso sobre as ciências e as artes* teve origem numa casualidade. Nunca teria surgido se Rousseau não decidisse visitar Diderot na prisão de Vincennes, onde a censura o enclausurara pelos seus primeiros escritos. Rousseau lembra, em várias ocasiões, a origem do seu primeiro ensaio. Na correspondência com Malesherbes, um dos esboços autobiográficos que anunciam as *Confissões*, e que data de 1762, Rousseau assegura que, depois de ter passado quase quatro décadas descontente consigo mesmo, uma feliz casualidade veio iluminar a senda do seu destino. Esta crónica é bastante conhecida. Para se refrescar do calor sufocante, Rousseau começou a ler à sombra de uma frondosa árvore e, ao ver o tema do concurso patrocinado pela Academia de Dijon, a sua vida mudou para sempre.

Ja visitar Diderot — escreve Rousseau. Levava no meu bolso um exemplar do *Mercur de France*, que comecei a folhear. Vi a questão colocada pela Academia de Dijon, que deu lugar ao meu primeiro escrito. Se em alguma ocasião ocorreu algo semelhante a uma inspiração súbita, foi essa a emoção que produziu em mim essa leitura. Senti de imediato a minha mente deslumbrada por um milhar de luzes; um sem fim de ideias vivas compareceu ao mesmo tempo com uma força e uma confusão que me precipitou numa inefável agitação; senti como que a minha cabeça presa a uma tontura similar à embriaguez. Oh, senhor!, se tivesse podido escrever um quarto do que vi e senti então, com quanta claridade teria feito ver todas as contradições do sistema social. Tudo quanto pude reter do tropel de grandiosas verdades que me iluminaram durante um quarto de hora foi palidamente espalhado pelos meus três escritos principais. O resto perdeu-se.

Que quinze minutos de inspiração lhe tenham servido para escrever três obras maiores, não é de todo um mau balanço, mesmo se, preso ao transe, apenas conseguisse

rabiscar a prosopopeia de Fabrício. Nesse mesmo ano, escreve a Christophe de Beaumont, na época arcebispo de Paris, e relata-lhe o mesmo acontecimento, mas com um tom bastante mais sombrio e expondo a outra cara do êxito:

Estava quase a chegar aos quarenta anos, e, ao invés de uma fortuna que sempre desprezara, e de um nome que se fez pagar tão caro, tinha sossego e amigos, os únicos dois bens que o meu coração cobiçava. Uma miserável questão de academia, agitando o meu ânimo sem que o pudesse impedir, lançou-me numa carreira para a qual não estava feito. Um êxito inesperado deu-me a ver encantos que me seduziram. Converti-me em autor na idade em que se deixa de o ser.

No segundo dos *Diálogos*, intitulado *Rousseau, juiz de Jean-Jacques* [*Rousseau juge de Jean-Jacques*], que data de 1774, insiste neste mesmo aspeto, referindo-se a si mesmo na terceira pessoa. Desde a sua juventude, Rousseau perguntava-se por que razão os homens não eram capazes de viver tranquilamente em sociedade, e o concurso fê-lo encarar essa questão com toda a clareza.

Por que razão, embora acusem o céu pelas suas misérias, trabalham constantemente para aumentá-las? Olhando o progresso do espírito humano, era estranho ver crescer na mesma proporção as calamidades públicas. Entrevia uma secreta oposição entre a constituição do homem e a das sociedades, mas tratava-se mais de um sentimento surdo, uma noção confusa, do que um juízo claro e desenvolvido. Uma infeliz questão académica veio de repente abrir-lhe os olhos, desembaraçar-lhe esse caos na sua cabeça, mostrar-lhe outro universo, uma verdadeira idade de ouro, de sociedades de homens simples, prudentes e felizes, e converter em esperança todas as suas visões graças à destruição dos preconceitos que o haviam subjogado a ele mesmo, mas dos quais nesse momento acreditou ver desprender-se os vícios e as misérias da humanidade. Encorajado pela ideia da

futura felicidade do género humano e pela honra de contribuir para ela, o seu coração ditava-lhe uma linguagem digna de tão magna empresa. Forçado a ocupar-se intensa e longamente do mesmo tema, aprendeu a meditar em profundidade, e por um momento assombrou a Europa com uma produção em que as almas vulgares não viram senão eloquência e engenho.

Na terceira caminhada dos seus *Devaneios do caminhante solitário*, Rousseau fala-nos da grande revolução que se consumou no seu interior e que lhe desvelou outro mundo moral quando cumpriu os seus quarenta anos, ao arrancar do seu coração a ambição e a ânsia que colocam um preço em tudo quanto decidiu abandonar desde esse instante, quando decide mudar de vestuário e prescindir do relógio para exteriorizar essa mudança. Será contudo no oitavo livro das *Confissões* que iremos obter maiores detalhes. Embora Diderot pudesse entreter-se passeando pelos espaços adjacentes do castelo que lhe servia de prisão, Rousseau tentava visitá-lo a cada dois dias, umas vezes acompanhado da sua mulher e outras, sozinho. Vale a pena considerar esta nova versão do mesmo relato, porque se fazem certas considerações de enorme relevância, como a afirmação de que, quando leu o anúncio do concurso, «descobriu um universo distinto e se tornou um homem diferente», acrescentando depois o seguinte:

Ao chegar a Vincennes, encontrava-me numa agitação levada ao delírio. Diderot apercebeu-se. Expliquei-lhe o motivo e li-lhe a prosopopeia de Fabrício escrita a lápis debaixo de uma azinheira. Encorajou-me a desenvolver as minhas ideias e a concorrer ao prémio. Fi-lo, e desde esse momento estava perdido. O resto da minha vida e das minhas desgraças foi a seqüela inevitável desse instante de desvario. Trabalhei nesse discurso de forma muito singular. Dedicava-lhe as insónias das minhas noites. Quando esse discurso estava terminado, mostrei-o a Diderot, que ficou satisfeito e me indicou algumas correções.

Só algumas correções? Dir-se-ia que Diderot fez bastante mais do que Rousseau nos conta nas suas *Confissões*. Aconselhou-o, por exemplo, a que começasse o seu trabalho com um elogio da ignorância citando Sócrates, e, de facto, a tradução da passagem da *Apologia de Sócrates* que Rousseau usa deve-se muito provavelmente a Diderot, uma vez que este a estava a traduzir, talvez de memória, com o fito de amenizar o seu cativo, sendo isto algo que Rousseau se esquece de mencionar em todas as suas crónicas. O relato que Diderot faz do mesmo encontro na sua *Refutação de Helvétius* torna-se muito significativo para a história das ideias.

A Academia de Dijon propôs como tema do prémio: “se as ciências eram mais prejudiciais do que úteis à sociedade”. Estava nessa altura no castelo de Vincennes. Rousseau veio ver-me e, ocasionalmente, consultar-me sobre a posição que adotaria face a esta questão. “Não há que titubear” — disse-lhe. “Tomareis o partido que ninguém tomará.” “Tendes razão” — respondeu-me; e trabalhou para o efeito”.

Portanto, o paradoxo que celebrizou Rousseau foi-lhe aconselhado por Diderot. É certo que Rousseau se mostra incomodado ao evocar os factos. Quando mostrou o texto a Diderot — dizia-nos —, este ficou satisfeito. No entanto, para Rousseau, esta obra, plena de vigor e força, padece por completo de lógica e ordem: «de quantas saíram da minha pena, é a mais débil no que diz respeito ao raciocínio e a mais pobre em matéria de harmonia». Estas afirmações quase podiam ser um ajuste de contas com o seu antigo amigo. Dá a impressão de que Rousseau não soube perdoar Diderot pelo facto de ter inspirado o seu primeiro escrito, aquele que, além disso, o catapultou para a fama e iniciou a sua carreira como ensaísta. Diderot termina a sua própria crónica recorrendo à ironia com um toque de amargura:

Já não sou eu quem está em Vincennes; é o cidadão de Genebra. Chego; a pergunta que me fez, sou eu quem a faço. Responde-me como eu lhe respondi. E credes que teria passado três ou quatro meses a consolidar com sofismas um mau paradoxo? Que teria dado a esses sofismas o colorido que ele lhes deu e que a seguir teria erguido um sistema filosófico a partir do que inicialmente era só uma tirada engenhosa?

Seja como for, este primeiro discurso consagrou Rousseau como pensador de referência e deu lugar a um interminável número de polémicas, que foram bem documentadas por Raymond Trousson no seu *Jean-Jacques Rousseau jugé par ses contemporains*, consagrando-o como um mestre na arte de produzir paradoxos. De entre os interlocutores da polémica, cabe destacar figuras tão relevantes como Raynal e Grimm, para não citar o rei da Polónia ou a intervenção do próprio d'Alembert no Discurso preliminar da *Encyclopédie*, na qual se alude a Rousseau como um filósofo eloquente que, apesar da sua tese, decidiu colaborar no projeto enciclopédico.

De acordo com Starobinski, Rousseau identifica-se com Fabrício, o incorruptível general romano que teria impressionado o rei Pirro por não se deixar subornar. Se Fabrício denunciou com o seu exemplo a degradação das virtudes entre os romanos, coube a Rousseau fazer o mesmo com a corrupção dos seus contemporâneos, não só inspirado pelas suas leituras de Plutarco, e também de Fénelon, mas igualmente pela sua experiência social.

A famosa prosopopeia de Fabrício teria sido, como já sabemos, a primeira ideia do argumento desenvolvido neste primeiro discurso, onde não se quer denegrir a ciência, mas antes defender a virtude, para o qual Rousseau se arroga o papel desempenhado por Sócrates em Atenas ou Catão na Grécia. Se o valoroso Fabrício voltasse à vida, ficaria consternado perante a degradação dos costumes e — de acordo

com a denominada «iluminação de Vincennes» — declamaria do seguinte modo:

Que esplendor nefasto sucedeu à simplicidade romana? Que linguagem estrangeira é esta? Que costumes efeminados são estes? Que significam estas estátuas, estes quadros, estes edifícios? Insensatos, que fizestes vós? Vós, senhores de nações, tornastes-vos nos escravos de homens frívolos que haveis vencido? São retores que vos governam? Foi para enriquecer arquitetos, pintores, escultores e histriões que derramastes o vosso sangue na Grécia e na Ásia? Será o espólio de Cartago vítima de um tocador de flauta? Romanos, apressai-vos a derrubar esses anfiteatros; parti esses mármore; queimai esses quadros; expulsai esses escravos que vos submetem e cujas artes funestas vos corrompem. Que outras mãos se engrandeçam por meio de talentos inúteis; o único talento digno de Roma é o de conquistar o mundo e de nele fazer reinar a virtude.

Rousseau assegura que, se lhe tivesse calhado viver na sua época, Sócrates não teria bebido a cicuta, mas teria sido condenado a um insultante escárnio ou ao desprezo. Além disso, esboça toda uma genealogia das artes e das ciências nos vícios, ao filiar o saber astronómico na superstição, a eloquência no ódio e na mentira e a moral no orgulho. As ciências e as artes, «nascidas da ociosidade, alimentam-na por sua vez; e a perda irreparável do tempo é o primeiro dano que causam claramente à sociedade».

Para lá deste primeiro discurso, já se anuncia o tema do segundo, a nociva desigualdade, e se tecem interessantes reflexões acerca do dinheiro, quando se pergunta, por exemplo, que será da virtude quando for necessário enriquecer a qualquer preço? Enquanto os políticos antigos falavam constantemente de costumes e de virtude, os nossos já não falam senão de comércio e de dinheiro, porque segundo estes um cidadão apenas vale pelo que consome — argumenta

Rousseau nestas páginas. Mas curiosamente, não deixa de adular o júri do prémio quando assinala que «existem mil prémios para os discursos belos e nenhum para as boas ações», quando, na realidade, «a glória associada ao melhor dos discursos que irão ser coroados por esta Academia não pode comparar-se ao mérito de ter criado o prémio» (sic).

## Bibliografia

- Aramayo, Roberto R., *Rousseau. E a política fez o homem (tal como é)*, Lisboa: Atlântico Press, 2015.
- Aramayo, Roberto, *Rousseau y sus ensoñaciones*. Madrid: Plaza y Valdés, 2016.
- Bouchard, Marcel, *Jean-Jacques Rousseau et l'Académie de Dijon. Autour du concours de 1750*. Dijon: Éditions Universitaires de Dijon, 2015.
- Cassirer, Ernst, *Rousseau, Kant, Goethe. Filosofía y cultura en el Siglo de las Luces* (ed. de Roberto R. Aramayo). México: Fondo de Cultura Económica, 2014.
- Cottret, Monique & Bernard, *Jean-Jacques Rousseau en son temps*. Paris: Perrin, 2011.
- Crogiez, Michéle, *Rousseau et le paradoxe*. Paris: Champion, 1997.
- Leduc-Lafayette, Denise, *J.-J. Rousseau et le mythe de l'Antiquité*. Paris: Vrin, 1974.
- Rousseau, Jean-Jacques, *Oeuvres complètes* (5 vols.). Gallimard: Paris, 1959–1995.
- Starobinski, Jean, «La prosopopée de Fabricius», *Revue des sciences humaines*. Bruxelas, 1, 1976, pp. 84–96.
- Trousson, Raymond, *Jean-Jacques Rousseau jugé par ses contemporains. Du Discours sur les sciences et les arts aux Confessions*. Paris: Champion, 2000.
- Trousson, Raymond, *Jean-Jacques Rousseau*. Paris: Gallimard, 2011.
- Trousson, Raimond e Eigeldinger, Frédéric (eds), *Dictionnaire de Jean-Jacques Rousseau*. Paris: Champion, 2006.